

HASHTAG-SE: MAPEANDO O FEMINISMO NEGRO E O NET-ATIVISMO BRASILEIRO

Leydiane Ribeiro da Conceição¹

Magnus Luiz Emmendoerfer²

Resumo: O objetivo do artigo é compreender a relação entre movimento feminista negro brasileiro e net-ativismo através de uma revisão sistemática da literatura. Buscou-se artigos científicos nas bases de dados: *Web of Science*; *Scielo* e *Scopus*, a partir dos descritores "*Social Movement*", "*Black Feminism*", "*internet*" e "*Brazil*", no título, resumo ou palavras-chave. Aplicou-se análise de conteúdo categorial e temática para discussão dos dados. Os resultados demonstram, a despeito do reduzido número de publicações sobre o tema, o reconhecimento do potencial da *hashtag* na *internet* como meio de comunicação para movimentos sociais, enquanto traz o lado obscuro que as mídias digitais podem gerar nessa forma de ativismo digital. Contudo, o *#Hashtag-se* analisado é uma forma democrática de se garantir maior empoderamento feminino, inclusive negro, sobre seus direitos.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Net-ativismo; Internet; Revisão sistemática.

Abstract: The objective of this paper is to understand the theme of the Brazilian black feminist movement and net-activism through a systematic literature review. Scientific articles were searched in the following databases: *Web of Science*; *Scielo* and *Scopus*, from the descriptors "*Social Movement*", "*Black Feminism*", "*internet*" and "*Brazil*", either in the title, abstract or keywords. Categorical content and thematic type analysis were applied for data discussion. The results demonstrate, despite a small number of publications on the subject, the recognition of the hashtag's potential on the internet as a means of communication for social movements, while bringing the dark side that digital media can generate in this form of activism digital. However, the *#Hashtag-se* analyzed is a democratic way to ensure greater empowerment of women, including blacks, on their rights.

Keywords: Black Feminism; Net-Activism; Internet; Systematic Review.

¹ Doutoranda em Economia Doméstica pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, UFV. Membro do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano, Social e Vida Cotidiana, UFV. Viçosa, MG, Brasil. E-mail: leydiane.conceicao@ufv.br

² Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Pós-Doutor em Administração Pública, Turismo e Empreendedorismo pelas Universidades do Minho, Algarve e Évora, Portugal e em Políticas Públicas pelas Universidades de Tilburg e Breda, Holanda. Líder do Grupo de Pesquisa em Gestão e Desenvolvimento de Territórios Criativos (GDTeC) do Núcleo de Administração e Políticas Públicas (NAP2). E-mail: magnus@ufv.br
Vol.9, N.2, Maio - Agosto 2021 www.feminismos.neim.ufba.br ISSN: 2317-2932

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo foi compreender o movimento feminista negro brasileiro e o net-ativismo³ a partir da produção científica recente. Nesse sentido, foi elaborada a pergunta de pesquisa: Qual é o conhecimento científico produzido acerca do feminismo negro e net-ativismo no Brasil? Atualmente a sociedade em sua conformação pós-moderna é considerada híbrida, pois, existe relação dialética entre o sujeito e a tecnologia, onde a sociedade não pode ser compreendida ou representada sem seus artefatos tecnológicos e nem a tecnologia sem a sociedade (JOIA; SOARES, 2018).

É preciso salientar que nas últimas décadas o mundo vivencia um processo de transformação sócio-histórico-cultural, principalmente nos meios de comunicação, visto ocorrer aumento do uso das tecnologias digitais (TDs)⁴, em especial as redes sociais digitais (RSD), por meio do acesso à *internet* que influencia o modo de vida das pessoas, criando e recriando hábitos sociais, novas formas de comunicação, de apresentar o conhecimento, de interação social, entre outros (CASTELLS, 2005; MATOS, 2018). De acordo com os dados estatísticos da pesquisa “TIC⁵ em domicílios”, estima-se que, em 2019, cerca de 74% dos indivíduos com dez anos ou mais eram usuários da *internet*. Em 2018, quando comparado à faixa etária de 16 a 24 anos a proporção chegou a 90%, além do que, a segunda atividade mais realizada era o uso das redes sociais digitais com 75% (NIC.BR, 2019; 2020).

Em consonância, tais RSD, como *Twitter*, *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, entre outras, têm sido utilizadas por vários movimentos sociais em suas causas, o que pode proporcionar um possível maior potencial no contexto do net-ativismo, que se torna diferente quando comparado aos tempos de mídia analógica (WAISBORD, 2018; AHMAD; ALVI; ITTEFAQ, 2019). No entanto, autores como Axel Bruns (2008 *apud* MATTHEWS, 2019) alertam sobre o perigo da romantização dessas mídias como um ato revolucionário panaceico, uma vez que vieram com objetivo inicial de projetar lucros dentro do modo de produção capitalista, acionando corporativos e não usuários.

Estudos no Brasil mostram evidências crescentes de que as mulheres pretas ainda vivenciam disparidades em relação aos homens e outras mulheres brancas. Caldwell

³ Net-ativismo é caracterizado por todo movimento social e ou organização de ação coletiva que é constituído prioritariamente por meio da *internet*, sendo este seu principal meio de ação (NUNES, 2020).

⁴ Refere-se a um conjunto de conhecimentos científicos e todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, ela incorpora a *internet* e uso de computadores, *tablets*, *smartphones*, entre outros (KENSKI, 2007).

⁵ Tecnologia de Informação e Comunicação.

(2010) enfatiza existir uma ausência de raça nos estudos brasileiros sobre a mulher. Neste sentido, é importante pensar em estudos com mais ênfase em pesquisas acerca das “diferenças” raciais e para a relação entre gênero e classe envolvendo mulheres pretas do país.

Diante disso, esta pesquisa aborda o net-ativismo e o movimento feminista negro, enquanto fenômenos sócio-históricos, políticos e culturais, contemporâneos, inter-relacionados e intrinsecamente ligados ao que Castells (2005), reiterado por Slavina e Brym (2019), intitulam de “Sociedade da Informação”, que se dá a partir do aumento de uso das tecnologias digitais, seja para prática social, econômica, cultural ou política na sociedade desde 1990. Essas tecnologias podem ou não confluir uma mudança cultural de comportamento referente à propagação de ideais políticos e debates de questões caras ao movimento feminista, em especial ao movimento feminista negro, tais como: empoderamento⁶ feminino, direitos reprodutivos e sexuais, violência contra a mulher, mercado de trabalho, entre outros aspectos relevantes ao universo feminino.

O texto está dividido em duas partes centrais, além desta breve introdução e das considerações finais. Na primeira, tem-se a fundamentação teórica trazendo um resgate histórico acerca do movimento feminista negro no Brasil e discussões acerca das relações entre *internet* e net-ativismo. Na segunda, apresenta-se a metodologia empregada, junto com a descrição e análise dos dados. Ao final foram apresentadas considerações, destacando os contributos deste estudo com recomendações para futuras pesquisas sobre o tema.

FEMINISMO NEGRO: BREVE RESGATE HISTÓRICO

Azeredo (1994) e Malta e Oliveira (2016) afirmam que as mulheres pretas eram preteridas por questões gerais dentro do movimento feminista “tradicional”, que não pautava questões como raça, ocasionando uma ruptura na divisão racial no movimento de mulheres brasileiras, visto que as estudiosas feministas brasileiras privilegiaram preocupações de mulheres brancas de classe média em detrimento das experiências de mulheres brasileiras não brancas. Ademais, Carneiro (2003) afirma que por muito tempo o feminismo brasileiro esteve aprisionado a uma visão eurocêntrica e universalizante das

⁶ Refere-se a tomada de consciência que o sujeito tem a respeito da sua condição na sociedade, tem o objetivo de romper com as opressões que grupos marginalizados estão vivenciando (SARDENBERG, 2018).

mulheres, ocasionando um não reconhecimento da existência de diferenças e desigualdades presentes no universo feminino.

Reforçando o lugar da mulher preta no Brasil, dados do estudo “Retratos das desigualdades de gênero e raça”, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA (2017) indicam maiores níveis de vulnerabilidade econômica e social nas populações de cor ou raça preta, parda e indígena, principalmente quando se compara o sexo feminino. Nesse ínterim, as mulheres pretas, inseridas num contexto de desigualdades sociais básicas provocadas por uma cultura racista e machista, tomam a consciência de que “a opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial” (GONZALEZ *apud* CARNEIRO, 2003, p. 119).

Além do mais, a preterição dessas mulheres pretas é historicamente garantida por um sistema projetado para lhes dar menos garantias de direitos que as mulheres brancas. Em 1851, a ex-escrava Sojourner Truth fez um discurso intitulado “E eu não sou uma mulher?”, proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. Naquela época, Sojourner já denunciava que a situação da mulher preta era diferente da mulher branca, uma vez que enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e trabalho, mulheres pretas lutavam para serem reconhecidas como seres humanos, e essa diferença torna a luta das mulheres pretas e brancas distinta. Em 1982 Lélia González, no jornal *Mulherio*, fez a pergunta: “Cumé que a gente fica?”, a respeito das mulheres negras brasileiras, procurando resposta às questões não respondidas tanto pelo movimento negro, como pelo movimento feminista “tradicional” (GONZÁLEZ, 1982).

Com isso, ao não levar em consideração a existência de formas distintas e múltiplas de discriminação que as mulheres pretas sofriam, nasce a crítica da perspectiva parcial das feministas brancas, uma vez que apenas a diferença de gênero já não era suficiente, pois este conceito muitas vezes não fazia distinção entre as próprias mulheres, enquanto outras ramificações (orientação sexual, classe, escolaridade, raça, entre outras) extrapolavam a ideia de que as mulheres sofrem opressão apenas pelo gênero.

Tais críticas representam rompimento importante dentro do movimento de mulheres no Brasil ao final dos anos 1970. Caldwell (2001) afirma que a apresentação formal do reconhecimento das divisões raciais aconteceu durante o Congresso das Mulheres Brasileiras em julho de 1975. De acordo com Ribeiro (2018), o feminismo negro no Brasil se consolida na década de 1980. E a partir daí surgem diversos coletivos de mulheres negras: Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte/N’zinga, Geledés,

Grupo de Mulheres Negras Mãe de Andressa, Crioula, entre outros se formaram no Brasil; tais organizações continuaram a se formar durante os anos 90 (ROLAND, 2000 *apud* CALDWELL, 2007).

Caldwell (2007) e Malta e Oliveira (2016) relatam que por intermédio do movimento feminista negro as organizações vêm desenvolvendo programas, tanto em nível micro (autoestima e empoderamento) quanto macro (movimentos sociais, lutas sindicais, representatividade na esfera política), no intuito de sanar os efeitos da dupla discriminação que as mulheres pretas sofrem, discriminadas não somente pelo gênero, mas também pela raça, além da classe em que se encontram.

Assim, o movimento feminista negro baseia suas ações na intersecção entre raça, gênero e classe. Angela Davis (2016) afirma que ao realizar essa interseccionalidade, estas se tornam categorias de análise que diferenciam o lugar da mulher preta na pirâmide social, uma vez que mesmo que tais mulheres tenham ascendido socialmente, ainda hoje vivenciam disparidades de gênero, raça e classe em diversos âmbitos socioculturais e econômicos.

De acordo com Carneiro (2003) é importante realizar análise crítica do tema, visando introduzir questões acerca do feminismo negro brasileiro e net-ativismo na esfera pública, e como estas variáveis em conjunto contribuem para a extensão dos sentidos de democracia, igualdade e justiça social. Visto que vivemos em um sistema carregado de desigualdades sociais, onde, por décadas, as piores consequências do capitalismo (re)caíram sobre as mulheres e negros, fazendo com que se moldassem relações sociais assimétricas em todos os aspectos da sua vida, como, o tipo de comida que você come, escolarização, o tipo de habitação ou cuidados com a saúde, se está ou não exposto à violência policial extrema, se tem maior probabilidade de morrer durante um período pandêmico, como a COVID-19, por exemplo, entre outros (OKECH; ESSOF, 2021).

PARTICIPAÇÃO CIDADÃ E USOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS (TD)

O mundo vivencia um processo de transformação sócio-histórico-cultural, inclusive no meio de comunicação, onde ocorre aumento do uso das inovações tecnológicas, especialmente as tecnologias digitais, através da *internet*, influenciando sociedade e modo de vida das pessoas, criando e recriando novos hábitos sociais, novas formas de comunicação, de apresentar o conhecimento, de interação social, entre outros (CASTELLS, 2005).

Aquino (2015) argumenta que a relação estabelecida entre tecnologias digitais (TD), mais especificamente redes sociais digitais e movimentos sociais, pode se tornar campo de maior articulação e mobilização política, produzindo efeitos de empoderamento e engajamento entre pessoas acerca da democracia e luta pelos seus direitos na sociedade. Entretanto, Bragatto (2011) e Morozov (2011) defendem que a utilização das RSD não proporciona benefícios para a luta de tais movimentos, relatando que não passam de um “ativismo de sofá”.

O fenômeno do net-ativismo tem se constituído vetor de hibridização e pulverização dos movimentos sociais, constituído prioritariamente, pela *internet*, sendo a ação coletiva seu principal meio de organização. Entretanto, ainda não existe clareza a respeito do impacto causado, nem do alcance que estes artefatos tecnológicos podem propiciar em relação à participação política (BRAGATTO, 2011; NUNES, 2020). Tal fenômeno pode ser investigado a partir de duas vertentes polarizadas e uma vertente mista: os chamados tecno-otimistas, tecno-pessimistas e tecno-realistas (CLARK-PARSONS, 2019).

Na vertente dos tecno-otimistas, Yochai Benkler; Clay Shirky; Manuel Castells, afirmam que a *internet* e, em especial as RSD influenciam positivamente as lutas dos movimentos sociais, pois tais ferramentas são consideradas veículo de envolvimento cívico e debate político fazendo com que ocorram mudanças reais no mundo concreto dos sujeitos (CLARK-PARSONS, 2019). Ahmad, Alvi e Ittefaq (2019) declaram que o uso da *internet* e das RSD fomentariam, revigorariam ou provocariam rupturas no sistema democrático, melhorando o conhecimento dos usuários *online* sobre política e estimulando o engajamento e participação política. Para esses autores tais redes sociais digitais tem o poder de ampliar vozes marginalizadas da sociedade.

Alguns pesquisadores mostram que a mídia social além de fornecer novas formas de organização social, também permite novas formas de protestos, porque essa nova forma de participação advém de “novos” movimentos descentralizados e emergentes (RECUERO *et al.*, 2015) que, nas palavras de Toret (2012), possuem características híbridas, transformando questões pessoais em processos políticos coletivos, agregando diferentes motivações políticas em grandes movimentos sociais (*apud* RECUERO *et al.*, 2015). Johri *et al.*, (2018) afirmam que além de usar as tecnologias digitais para criar e compartilhar informações, ativistas digitais têm a possibilidade de moldar a opinião pública e fazer o planejamento e chamada para a ação.

Avzalova (2020) sugere que a *internet*, em especial as RSD na contemporaneidade, vêm como uma ferramenta promissora, oferecendo amplas oportunidades para cidadãos participarem da política, podendo ter maior engajamento cívico através de tais ferramentas tecnológicas. Na visão de Dey (2020) a RSD é lugar onde uma simples *hashtag*⁷ pode, além de iniciar uma conversa, orientar a formação da opinião pública e afetar a ação coletiva, o que pode ocasionar mudanças sociais, propiciando maior empoderamento aos sujeitos. Tais ferramentas têm proporcionado espaço para o contra-público, onde comunidades marginalizadas e minorias desfavorecidas se unem e assumem postura unificada (DEY, 2020).

Ademais, Dey (2020) traz autores em seu trabalho afirmando que as RSD fornecem informações para mobilizar protestos e facilitar a comunicação entre pessoas durante as ações sociais, permitindo que expressem suas opiniões políticas. Para Steele (2017) tais redes podem (re)construir a cristalização de imagens e sentidos sobre ser mulher preta, onde até mesmo conversas que, num primeiro momento parecem ser apolíticas, ou com pouco significado político óbvio, envolvendo relacionamentos, cultura popular, trabalho e até conversas sobre o cabelo “natural” *versus* cabelos quimicamente tratados “alisados”, têm consequências para a definição da identidade, aumentando a consciência coletiva, formando comunidade e criando potencial para ação política direta e atos de caráter pessoal e resistência da comunidade.

Contudo, os olhares sobre estes artefatos tecnológicos nem sempre foram positivos, na vertente dos tecno-pessimistas; Malcolm Gladwell e Evgeny Morozov, argumentam que o net-ativismo é meramente um “ativismo de sofá” / “*slacktivism*”, onde não existe ativismo real por parte dos indivíduos, apenas uma sensação de dever cumprido, que dá satisfação pessoal, mas com pouco impacto (CLARK-PARSONS, 2019, WANG; ZHOU, 2021). Joia e Soares (2018) e Wang e Zhou (2021) trazem em seu trabalho estudos afirmando que o *slacktivism* é mecanismo de equilíbrio moral, criando laços fracos entre os sujeitos, e as pessoas optam por não realizar ações na vida real, pois já realizaram uma ação *online* considerada de baixo custo.

Esses autores se referem aos “*likes*”, “*tweets*”, “*hashtag*” e “*retweets*”, que acontecem o tempo todo durante vários protestos, mas não requerem nenhum esforço real do sujeito. Ademais, segundo Slavina e Brym (2019), a *internet* e as RSD foram

⁷ Uma *hashtag*, simbolizada por um sinal de libra (#), objetiva convenções de mídia social e *microblog*, usadas para mobilizar protestos - digitais ou 'nas ruas' - em todo o mundo.
Vol.9, N.2, Maio - Agosto 2021 www.feminismos.neim.ufba.br ISSN: 2317-2932

projetadas para analisar o perfil dos usuários e vender seus dados para empresas, para que possam identificar pessoas com maior probabilidade de gostos e de compras de mercadorias específicas.

Clark-Parsons (2019) declara que *hashtag* do *Twitter*, por exemplo, que promete praticidade, acesso fácil às grandes massas, sem os recursos de um movimento social organizado, podem ser facilmente cooptadas pela mercantilização dos movimentos sociais, em que se vende o “empoderamento”. Morozov (2011) e Uldam (2016) (*apud* SLAVINA; BRYM, 2019) alertam contra o otimismo digital, já que os meios de comunicação podem ser vigiados e controlados por pessoas em posições de autoridade, limitando o potencial de mobilização dessas redes.

Slavina e Brym (2019) e Dey (2020) afirmam que em vez da *internet* impulsionar a participação democrática dentro e entre os movimentos, ela reproduz desigualdade digital, uma vez que existe desigualdade de classe social. Para tais autores o envolvimento *online* continua a ser estratificado por marcadores de privilégios tradicionais de fatores socioeconômicos, o acesso desigual às RSD exclui minorias.

Esse tratamento binário pouco tem a contribuir. Uma abordagem mais adequada pode ser encontrada na vertente dos tecno-realistas, que apesar de reconhecer o possível potencial que a *internet* tem como meio de comunicação para os movimentos sociais, ela não romantiza as RSD, pois é sabido não ter o poder de aumentar ou diminuir o envolvimento político, já que este é socialmente determinado (JOIA; SOARES, 2018). Slavina e Brym (2019) afirmam que ter uma rede de conexão global não afeta significativamente a probabilidade de alguém se envolver em demonstrações de protesto.

Aouragh e Alexander (2011) e Comunello e Anzera (2012) (*apud* JOIA; SOARES, 2018), além de reconhecerem a existência de uma relação dialética entre as ações *offline* e *online*, também veem vantagens e desvantagens na utilização das RSD como ferramenta para movimentos sociais. Para Juris (2012) e Nielsen (2013) o debate entre tecno-otimistas e tecno-pessimistas não deve vir ao caso, uma vez que o desafio maior é entender o papel que a mídia social desempenha nos movimentos sociais recentes (*apud* JOIA; SOARES, 2018). Colocando o determinismo tecnológico de lado, podemos entender melhor como material e fatores sociais se entrelaçam na construção da realidade social como a conhecemos (NUNES 2020).

Dey (2020) afirma que apesar das deficiências, como desinformação, questões de privacidade e exposições seletivas contidas na *internet*, além da exclusão digital, a mídia

social também gera discussões e afeta mudanças sociais mesmo que de forma local. Ainda segundo o autor, a mídia social sozinha não pode fazer mudanças físicas, no entanto, pode ajudar a criar consciência e manter a conversa viva sobre os problemas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aplicou-se revisão sistemática da literatura científica, pois tal técnica caracteriza-se pelo rigor metodológico na busca planejada para responder a um tema específico, utilizando métodos sistemáticos e explícitos para identificação, seleção e avaliação crítica dos estudos (RÍOS; CASA, 2009). Essa organização metodológica tem o intuito de reduzir possíveis vieses que podem surgir no decorrer do processo.

Para Botelho, Macedo e Fialho (2010) a revisão sistemática se difere da revisão bibliográfica tradicional, pois na sistemática os métodos de coleta e análise dos resultados são claros, além do escopo da revisão ser identificado com antecedência, onde se realiza uma varredura integral, com intuito de encontrar todos os estudos relevantes, levando em consideração critérios de inclusão e exclusão dos materiais a serem analisados.

Nesse sentido, foi elaborada a questão norteadora de pesquisa, construída com base na estratégia PICO (acrônimo das palavras população (*population*), intervenção (*intervention*), controle (*control*), resultados (*outcomes*) e Contexto (*context - application*), desenvolvida no final de 1940 por pesquisadores da área da saúde com objetivo de fundamentar melhor a produção do conhecimento científico (DONATO; DONATO, 2019). Valendo-se dessa premissa, a partir da estratégia PICO, a pergunta norteadora da pesquisa em tela foi: Qual é o conhecimento científico produzido no Brasil acerca do feminismo negro e net-ativismo?

A busca dos artigos, realizada em agosto de 2021, nas bases de dados: *Web of Science* (a procura restringiu-se à coleção principal como estratégia de busca), *Scientific Electronic Library Online – Scielo* e *Scopus*. O que justifica a escolha dessas bases de dados é o fato de serem consideradas com alto fator de impacto, possibilitando encontrar artigos bem avaliados dentro da comunidade acadêmica. De acordo com Lima *et al.*, (2015) quanto maior o fator de impacto mais o periódico é reconhecido dentro da comunidade acadêmica.

Considerou-se no momento da escolha os artigos que continham os seguintes descritores: "Social Movement", "Black Feminism", "internet" e "Brazil" seja no título, resumo ou palavras-chave. Recorreu-se ao operador booleano "AND" para elaboração da

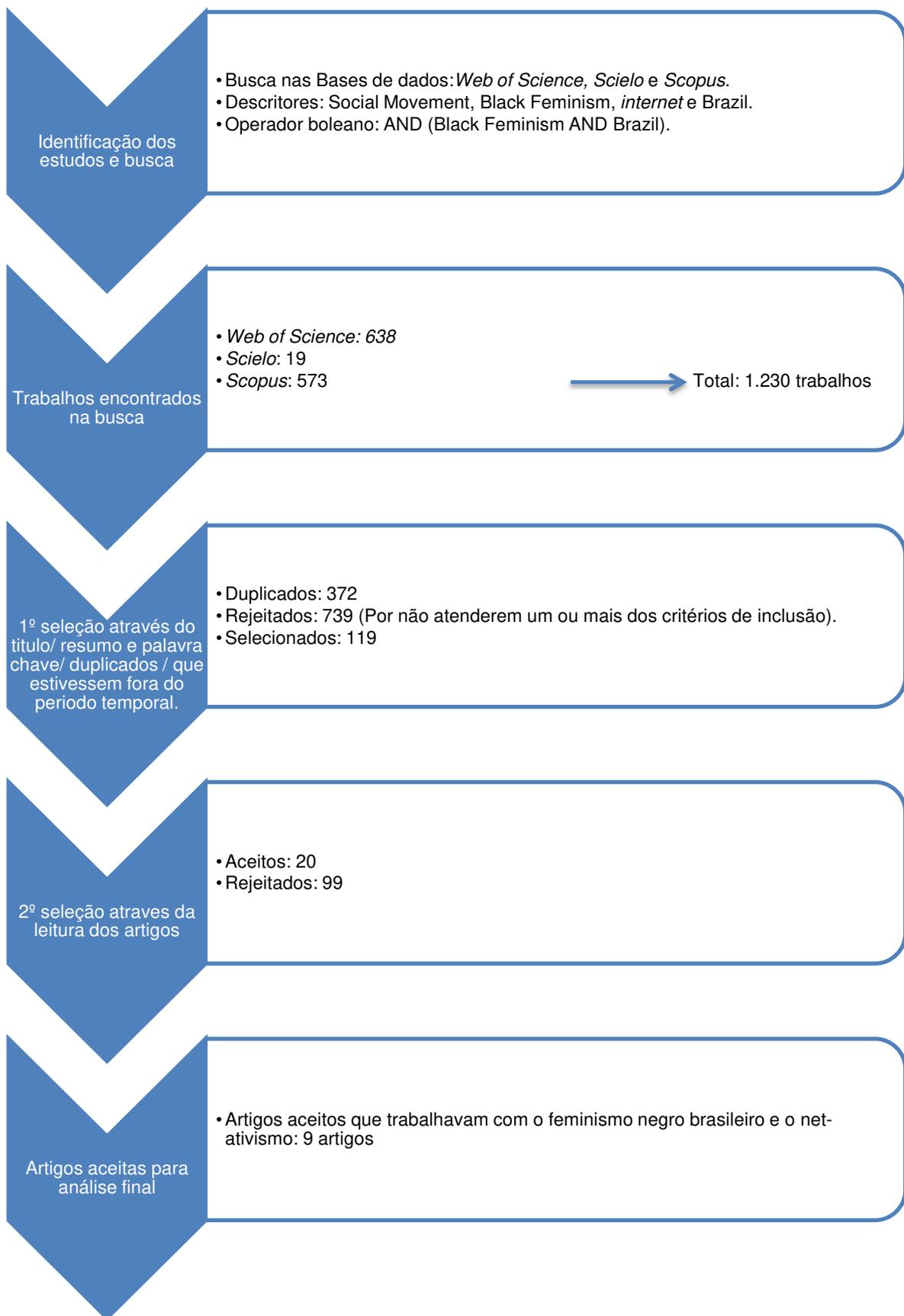
equação de busca e combinação dos descritores, que se operacionalizou pelas palavras-chave em língua inglesa. Depois da busca, os artigos foram exportados para o *software* StArt (*State of the Art through Systematic Reviews*)⁸, desenvolvido pelo Laboratório de Engenharia de *Software* (LaPES) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Por meio dessa ferramenta executou-se todo o processo de triagem (inclusão e exclusão) das publicações selecionadas para este escopo.

Foram usados como critério de inclusão dos artigos aqueles com data de publicação dentro dos últimos 5 anos (2017–2021); publicados na língua inglesa, portuguesa e/ou espanhola; publicados em periódicos indexados e disponibilizados na íntegra gratuitamente; e com temática pertinente aos objetivos da revisão que respondessem à questão norteadora do estudo. Como critério de exclusão, publicações que não fossem artigos (Tese, dissertações, monografias, livros etc.); artigos fora do marco temporal definido; artigos duplicados, que não tivessem acesso livre e não discutissem o feminismo negro brasileiro e o net-ativismo como questão principal.

Foram encontrados, inicialmente 1.230 estudos. Na primeira etapa de classificação foram excluídas 589 produções por não estarem dentro do escopo temporal, 372 por serem artigos duplicados e 150 por serem outros tipos de publicações que não fossem artigos. Em seguida procedeu-se à leitura dos títulos, palavras-chave e dos resumos num total de 119 artigos, dos quais 20 atenderam aos critérios de inclusão e foram lidos na íntegra; destes, foram excluídos ainda, 11 artigos que não estivessem disponíveis na íntegra com acesso livre ou com temas incompatíveis ao proposto no artigo em tela, restando nove, incluídos na análise final. A Figura 01 ilustra como foi o processo de busca e tratamento dos artigos.

⁸ *Software* gratuito que auxilia autores de revisão sistemática a realizar o processo de seleção dos artigos de forma rápida e eficiente (SAMPAIO; MANCINI, 2007).
Vol.9, N.2, Maio - Agosto 2021 www.feminismos.neim.ufba.br ISSN: 2317-2932

Figura 01 – Fluxograma da seleção dos artigos



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

Para análise dos dados advindos da revisão sistemática, contou-se com a análise de conteúdo (AC) categorial e do tipo temática (BARDIN, 2009), no intuito de compreender, a partir do conjunto de variáveis selecionado, como se deram a publicação dos estudos acerca do movimento feminista negro e o net-ativismo no Brasil. Para Bardin (2009) a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa qualitativa com intuito de produzir inferências de um corpus textual para seu contexto social de maneira objetiva. Os principais dados analisados pela AC categorial foram: identificação do artigo, ano de publicação, objetivo, palavras-chave, metodologia e principais resultados. Desta descrição primária, foram discutidos por meio da AC temática, os assuntos “Feminismo negro e net-ativismo e sua relação com o empoderamento feminino”, “Feminismo negro e sua atuação no século XXI” e “Discursos racistas nas redes sociais”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA ANÁLISE CATEGORIAL

Dos nove artigos analisados, todos tratam a temática do feminismo negro relacionado de alguma forma com o ativismo digital no Brasil. Verificou-se que o protagonismo das mulheres negras nos movimentos feministas e antirracistas com recorte de classe fez com que as ativistas passassem a se preocupar em compreender as diferenciações sociais de forma entrelaçada. Segundo Carneiro (2003) é importante tratar de feminismo negro no Brasil em conjunto com o aumento de uso das tecnologias digitais, pois tais variáveis em conjunto traduzem extensão dos sentidos de democracia, igualdade e justiça social. No que se refere aos aspectos epistemológicos/ontológicos dos estudos analisados verificou-se uma abordagem ancorada no pragmatismo, pautada na prática, onde as práxis das mulheres dos estudos são capazes de produzir conhecimentos acerca do fenômeno em tela e sobre elas.

A Tabela 01 descreve a síntese dos estudos utilizados na análise. Nela consta o título, autoria, ano, objetivo, método e principais resultados alcançados de cada pesquisa. Entre os estudos selecionados (9) observa-se que 77,8% são artigos com metodologia qualitativa e 22,2% são quanti-quali. A abordagem qualitativa é preponderante e pode ser explicada já que estes estudos estão mais concentrados no campo de estudo intitulado ciências sociais aplicadas, que possui uma tradição ligada a pesquisas qualitativas.

Tabela 01 – Síntese dos artigos

Título	Autor/ Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
---------------	-------------------	-----------------	--------------------	-------------------

<p>Ativismo digital e feminismo interseccional: Uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”</p>	<p>Medrado; Muller (2018)</p>	<p>Compreender o ativismo digital materno a partir da análise de um <i>blog</i> que passou a operar como uma plataforma de mídia independente, o Cientista Que Virou Mãe (CQVM).</p>	<p>Qualitativo</p>	<p>Mães conectadas em rede buscam informações, por meio da plataforma Cientista Que Virou Mãe, sobre assuntos importantes como parto humanizado, amamentação, alimentação, criação de filhos, desigualdade de gênero, assim como questões políticas que afetam diretamente as mães, como a reforma trabalhista. Por meio de iniciativas como a Cientista Que Virou Mãe, percebemos um fortalecimento das mulheres mães que têm suas experiências e saberes reconhecidos e compartilhados.</p>
<p>Afro-Brazilian women <i>YouTubers</i>’ Black Feminism in Digital Social Justice Activism</p>	<p>Walthour (2018)</p>	<p>Examinar como as mulheres afro-brasileiras <i>YouTubers</i> empregam a estratégia de desafiar o racismo, sexismo e colorismo por meio de suas próprias articulações do feminismo negro brasileiro.</p>	<p>Qualitativo</p>	<p>As <i>YouTubers</i> afro-brasileiras não fazem parte de organizações feministas, mas são uma nova forma de ativistas, pois são ativistas sociais digitais. Suas estratégias são educar seu público e desafiá-lo a mudar a maneira como pensam e tratam as mulheres negras, para que os telespectadores não produzam racismo e sexismo, ao mesmo tempo que empoderam as mulheres e meninas afro-brasileiras.</p>
<p>The “Audacity” of Visibility: Preta-Rara’s Feminist Praxis</p>	<p>Perrine (2019)</p>	<p>Examinar a gama de produção artística e trabalho de advocacia de Preta-Rara, bem como seu uso das mídias sociais e sua música, na qual mobiliza discursos feministas para desafiar o racismo e o sexismo.</p>	<p>Qualitativo</p>	<p>Dada a complexa história de significados atribuídos ao corpo e à sexualidade das mulheres negras no Brasil, muitas vezes é uma luta para as mulheres negras serem capazes de aceitar seus corpos e expressar sua sexualidade de maneira que desafiem as expectativas e as façam sentir-se confiantes em si mesmas. Esse processo é desafiador, é importante e audacioso. Aproveitando o máximo de plataformas de mídia possível, Preta-Rara ambiciosamente usa seus talentos como poetisa, cantora e educadora para teorizar a resistência e lutar por mudanças nas políticas representacionais das mulheres negras.</p>

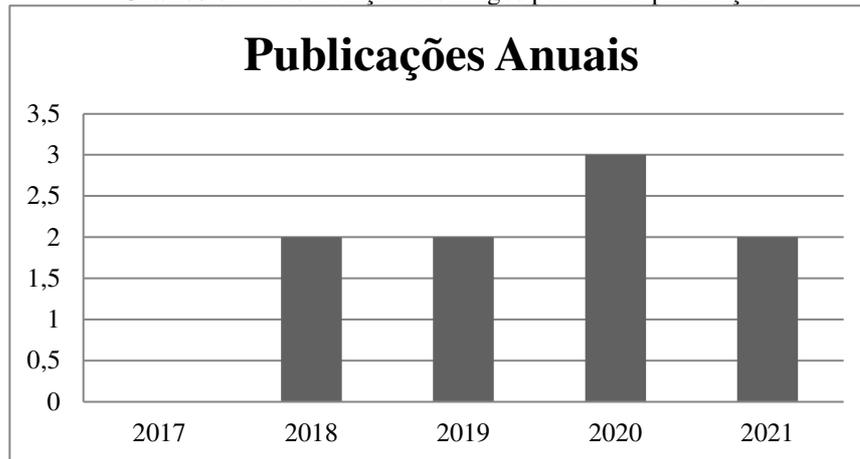
Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil	Trindade (2019)	Este estudo desenvolve análise crítica do discurso de uma seleção de postagens do <i>Facebook</i> , tem como objetivo compreender suas mensagens embutidas.	Qualitativo	Os resultados sugerem, em primeiro lugar, que o humor de depreciação racista é empregado para desafiar a mobilidade social ascendente das mulheres negras e desqualificar suas conquistas. Em segundo lugar, reforçam ideologias arraigadas sobre espaços sociais simbólicos diferenciados para negros e brancos no Brasil. Finalmente, as principais plataformas de mídia social representam a arena contemporânea para a manifestação, disseminação e reforço de ideologias racistas.
“My hair, my crown”. Examining black Brazilian women’s anti-racist discursive strategies on social media	Trindade (2020)	Explorar os discursos antirracistas promovidos por mulheres negras brasileiras nas redes sociais.	Qualitativo	O estudo revela que as narrativas que elogiam o cabelo estilo Afro incorporam um posicionamento político relevante que resiste ao racismo de gênero profundamente arraigado do Brasil. Eles visam, primeiro, desafiar o padrão de beleza hegemônico “embranquecido”; segundo, transmitir uma percepção renovada da estética negra como fonte legítima de identidade étnica; e, finalmente, representam forte elemento simbólico para manifestar a agência e o empoderamento das mulheres negras.
Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade	Silva (2020)	Analisar performances de gênero e raça produzidas em posicionamentos interacionais mobilizados por sujeitos em seus comentários na página do coletivo Geledés no <i>Facebook</i> .	Qualitativo	Os resultados obtidos apontam para a interseção entre performances de gênero e raça nas práticas identitárias desempenhadas pelos(as) comentadores(as), bem como para o potencial de reflexividade dessas práticas sociais, especialmente no que tange à contestação de narrativas coloniais calcadas no racismo e no sexismo.
Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência	Oliveira (2020)	Compreender a apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência.	Qualitativo e quantitativo	Os resultados obtidos apontam que as mulheres negras buscam dominar as tecnologias, a fim de propor soluções para as brechas tecnológicas e fazer uso social das habilidades adquiridas.

Brazilian Black Feminism in Rural and Urban Spaces	Rios; Maciel (2021)	Examinar as transformações do feminismo negro no Brasil, bem como analisar as tradicionais e novas redes ativistas que reivindicam múltiplas identidades para si mesmas.	Qualitativo	O surgimento e desenvolvimento do feminismo negro durante o período de democratização é amplamente conhecido na literatura acadêmica (Caldwell, 2007). No entanto, a literatura raramente abordou os desenvolvimentos civis e estaduais desse ativismo desde a virada de o século XXI. Nem explorou as novas gerações de mulheres negras em movimento e em redes. Por último, nenhum trabalho acadêmico no Brasil tem articulado essas gerações e suas diferentes políticas ativismo em vários ciclos políticos, nomeadamente redemocratização, consolidação democrática e crise da democracia.
Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional	Rodrigues; Freitas (2021)	Introduzir as premissas básicas sobre feminismo negro contemporâneo, formuladas em outros campos disciplinares, e contribuir para a organização e consolidação de uma agenda de pesquisa semelhante na Ciência Política.	Qualitativo e quantitativo	Este trabalho pode contribuir para um melhor entendimento das várias estratégias de mobilização política que feministas negras estão empregando no início do século XXI e seu impacto sociopolítico.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

Considerando-se a distribuição anual dos trabalhos selecionados (Gráfico 01) para o corpus, verificou-se não haver nenhuma publicação em 2017 relacionada ao tema. Destaca-se o ano de 2020 com três publicações acerca dessa temática, seguido dos anos de 2018, 2019 e 2021 com duas publicações por ano.

Gráfico 01 – Distribuição dos artigos por ano de publicação



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

Essa pouca expressividade na literatura científica pode ser interpretada pelo fato de o feminismo negro e o net-ativismo no Brasil ainda serem temas incipientes. Rodrigues e Freitas (2021, p.1) afirmam que apesar de na última década o movimento de mulheres negras brasileiras ter ganhado maior visibilidade, “ainda há uma carência de análises histórico-políticas sobre a trajetória do ativismo feminista negro no país e sua interconexão com fenômenos semelhantes em outras partes do mundo”.

Lima (2020) também enfatiza que a difusão de conhecimento acerca do feminismo negro brasileiro e sua articulação com as mídias digitais é recente, fazendo com que, neste sentido, seja importante pensar em debates mais profundos acerca do tema. Vigoya (2008) por sua vez, afirma que embora os estudos sobre as interseções entre raça, etnia, gênero e sexualidade na América Latina mostrem uma produção crescente, que está alimentando e desenvolvendo esse novo campo de pesquisa, ainda existem temas pouco explorados que podem ser de interesse para pesquisas futuras.

É possível conjecturar a respeito da autoria que a maioria, 66,7%, dos artigos são escritos em autoria única e apenas 33,3% com coautoria. Observou-se apenas um autor com mais de um artigo selecionado. Quanto ao gênero da autoria inferido a partir dos nomes socialmente indicados como femininos e masculinos, 77,8% das publicações são escritas por mulheres e apenas 22,2% por homens.

Resultados da análise temática e discussões

A partir da leitura mais aprofundada dos artigos selecionados, destacam-se três campos de interesse relacionados com a pesquisa, sendo o primeiro sobre “Feminismo

negro e net-ativismo e sua relação com o empoderamento feminino”, o segundo referente a “Feminismo negro e sua atuação no século XXI” e o terceiro “Discursos racistas nas redes sociais”, a seguir analisados.

Feminismo negro e net-ativismo e sua relação com o empoderamento feminino

No campo “Feminismo negro e net-ativismo e sua relação com o empoderamento feminino”, encontram-se cinco artigos (Quadro 01) discutindo o empoderamento de mulheres pretas através do acesso destas à internet, trazendo a problemática sobre como as mídias sociais atuam positivamente promovendo engajamentos culturais e ideológicos minoritários muitas vezes preteridos pela mídia tradicional.

Quadro 01 - Produções que integravam o campo de interesse “Feminismo negro e net-ativismo e sua relação com o empoderamento feminino”

MEDRADO, Andrea; MULLER, Ana Paula. ATIVISMO DIGITAL MATERNO E FEMINISMO INTERSECCIONAL: Uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”. Braz. journal. res. , vol. 14, nº 1, 2018.
WALTHOUR, Gladys Mitchell. Afro-Brazilian women <i>YouTubers</i> ’ Black Feminism in Digital Social Justice Activism. Interfaces Brasil/Canadá. , v. 18, n. 3, 2018.
PERRINE, Alida Louisa. The “Audacity” of Visibility: Preta-Rara’s Feminist Praxis. Transmodernity. , v. 9, nº 2, 2019.
SILVA, Danilo da Conceição Pereira. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. Rev. bras. linguist. apl. , v. 20, nº 3, 2020.
LIMA, Dulcilei C, OLIVEIRA, Taís. Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência. Cadernos Pagu. , nº 59, 2020.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

O artigo 01 apresenta como a plataforma de mídia independente: o Cientista Que Virou Mãe (CQVM) atua como um artefato tecnológico importante junto a iniciativas de ativismo digital materno, em que mães, em especial mães negras, quando conectadas em rede acessam informações importantes tanto sobre criação de filho e parto humanizado, quanto de questões políticas que as afetam diretamente, como a reforma trabalhista.

No artigo 02 e 03, as autoras argumentam como plataformas digitais, seja o *YouTube* ou outras mídias sociais, *Instagram* e *Facebook*, auxiliam ativistas sociais digitais negras a empregarem estratégias que desafiam o racismo, sexismo, noções tradicionais do lugar e propósito dos corpos das mulheres negras brasileiras, o colorismo, entre outras questões caras ao movimento social feminista negro, por meio de suas próprias articulações em rede. Souza (2017) traz em seu trabalho evidências empíricas de que a conformação atual da comunicação abre novos espaços para negros, em especial

mulheres negras inserirem sua voz por meio de plataformas digitais, auxiliando na construção de discursos críticos e entendimento sobre questões sociais.

No artigo 04 o autor traz argumentos acerca da performance de gênero e raça produzidos em comentários na página do coletivo Geledés no *Facebook*, e os resultados apontam para um potencial nos discursos, no que tange à contestação de narrativas coloniais, calcadas no racismo e no sexismo. Por fim, o artigo 05, que também tenta compreender a apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência, conclui que as mulheres pretas buscam esses artefatos tecnológicos com o intuito de propagar debates e soluções de questões caras ao movimento feminista negro: maior empoderamento, o não lugar que a mulher preta ocupa dentro da cadeia tecnológica, direitos reprodutivos e sexuais, violência contra a mulher, mercado de trabalho, entre outros aspectos relevantes ao universo feminino.

Ortolon, Malini e Malini (2015) argumentam que uma das maiores vantagens das redes sociais digitais, enquanto instrumento para mobilização, é a horizontalidade criada por elas. Entretanto, é necessário cuidado ao se posicionar tão indubitavelmente a favor dessas mídias, visto a sociedade viver dentro do modo de produção capitalista, tendo como maior objetivo projetar lucros acionando corporativos e não usuários (MATTHEWS, 2019).

Feminismo negro e sua atuação no século XXI

Têm-se duas produções, nos artigos englobados no campo “Feminismo negro e sua atuação no século XXI” (Quadro 02). Nesta categoria ressaltam a cronologia do feminismo negro no Brasil e a inserção das tecnologias digitais dentro do movimento social.

Quadro 02 - Produções que integravam o campo de interesse “Feminismo negro e sua atuação no século XXI”

RIOS, Flávia; MACIEL, Regimeire. Brazilian Black Feminism in Rural and Urban Spaces. Agrarian South: Journal of Political Economy. , v. 10, n. 1, 2021.
--

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. Rev. Bras. Ciênc. Polít. , nº 34, 2021.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

De acordo com Valerio e Alves (2019), o movimento feminista negro se apropria desses espaços tecnológicos, com o intuito de combater por meio da interseccionalidade a discriminação por gênero e raça, fenômeno que tem como objetivo uma mudança sócio-histórica-cultural na relação mulher preta/sociedade. A Primavera Árabe (Norte da África

e Oriente Médio), o *Occupy Wall Street* (EUA), as Jornadas de Junho de 2013 (Brasil), o Movimento Ele Não (Brasil), *#ChegadeFiuFiu* (Brasil), *#BlackLivesMatter* (livremente traduzido, Vidas Negras Importam) – EUA, e o movimento *#MeToo* (EUA) são exemplos de como a internet tem influenciado o fenômeno do net-ativismo dentro dos movimentos sociais.

Lima (2017) afirma que as ferramentas tecnológicas presentes na sociedade contemporânea, se tornaram ferramentas estratégicas e fundamentais para atuação dos “novos feminismos” marcados pela horizontalidade dos discursos. Tal autora também argumenta que a *internet*, por meio das redes sociais tem colaborado “com o desenvolvimento de novas estratégias e áreas de atuação impulsionando o processo de popularização dos feminismos iniciado nos anos 1990” (LIMA, 2017, p.12).

Para Rios e Maciel (2021) um dos maiores desafios dessa nova forma de ativismo é entender o que essas mudanças significam para a agência das mulheres nos diferentes contextos em que elas emergem seja no meio rural ou urbano. Rodrigues e Freitas (2021) argumentam que desde a década de 2010 tem-se uma ascensão de jovens ativista negras no Brasil com objetivo de (re)criar ou (re)formular novos repertórios discursivos acerca das intersecções entre gênero, raça e outras categorias sociais. Amaral, Bueno e Gimenes (2021, p. 147) afirmam que as ações *online* dos grupos de movimentos feministas “criam novos espaços de interação e organização que geram maneiras autônomas de produção da identidade social”.

Discursos racistas nas redes sociais

Por fim, a categoria “Discursos racistas nas redes sociais”, também com dois artigos (Quadro 03). Uma discussão mais voltada para a ótica de como as mídias sociais podem ser utilizadas tanto para perpetuarem o racismo e sexismo na atual sociedade capitalista, quanto para propagar ideais contrários a essa realidade.

Quadro 03 - Produções que integram o campo de interesse “Discursos racistas nas redes sociais”

TRINDADE, Luiz Valerio de Paula. Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil. *Ethnic And Racial Studies.*, v. 43, n. 15, 2019.

TRINDADE, Luiz Valerio de Paula. “My hair, my crown”. Examining black Brazilian women’s anti-racist discursive strategies on social media. *Canadian Journal Of Latin American And Caribbean Studies / Revue Canadienne Des Études Latino-Américaines et Caraïbes.*, v. 45, n. 3, 2020.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2021.

Conforme Trindade (2019) as plataformas digitais também têm sido utilizadas para manutenção e reforço de ideologias racistas, acerca da simbologia dos espaços

sociais que brancos e negros devem ocupar. Essa produção destaca que o discurso de ódio na internet tem como principal alvo as mulheres negras em posição de ascensão. De acordo com o autor, a maioria das vítimas que sofrem racismo no *Facebook* no Brasil são mulheres negras de classe média com ensino superior completo, na faixa etária de 20 a 35 anos. Os dados gerados por Borges e Melo (2019) em seu trabalho, “Quando a raça e o gênero estão em questão: Embates discursivos em rede social”, trazem questões acerca da desumanização das mulheres negras, visto que estas, mesmo em situações de sucesso financeiro, são as que mais sofrem com discursos de injúrias raciais e de gênero em mídias online, sendo vistas ainda hoje como “inferiores e animais”.

Lima (2020) afirma que o ambiente *online* é ambíguo, pois de um lado encontram-se grupos ou indivíduos, se sentindo autorizados a proferir discursos de ódio contra as minorias, devido ao “anonimato” que a internet traz e, por outro lado, tais minorias se sentem fortalecidas com a ampliação das redes formadas em volta de discussões caras ao movimento. Hashtags como *#SomosTodasClaudia*, *#SomosTodasMaju* e *#MariellePresente* são exemplos de como mulheres negras vem utilizando as redes sociais digitais para lutarem contra opressões que ilustram os aspectos do cotidiano da população negra.

Por sua vez, o artigo intitulado, “*My hair, my crown: Examining black Brazilian women’s anti-racist discursive strategies on social media*”, também escrito por Trindade (2020), levanta a questão do mito da democracia racial no Brasil, afirmando que apesar das mulheres negras terem ascendido socialmente nas últimas décadas, ainda vivenciam disparidades em relação aos homens e outras mulheres brancas, pois os dados revelam que o racismo contra mulheres negras permanece fortemente arraigado na mentalidade coletiva e as redes sociais se tornaram terreno fértil para a construção e disseminação de ideologias racistas. Entretanto, tais mídias sociais também estão sendo utilizadas em discursos antirracistas e antissexistas promovido por mulheres negras brasileiras no *Facebook*. Conclui-se em tal artigo que a valorização da negritude por meio das redes sociais se torna importante ferramenta de empoderamento social das mulheres pretas.

Lima (2017) argumenta que as mídias sociais são tomadas como espaços discursivos, onde se tem discursos de todas as naturezas. O uso de *hashtag*, por exemplo, pode ser considerado um elemento potencializador de ideologias, pois tal ferramenta dá maior evidência ao enunciado, tendo pessoas se identificando ou não com elas e com o

assunto que abordam, seja perpetuando o racismo e sexismo no Brasil ou propagando ideais de resistência contra tal realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que no período compreendido pela pesquisa ocorreu um reduzido número de publicações acerca do movimento feminista negro no Brasil e sua relação com o net-ativismo. Uma explicação plausível para tal constatação pode estar amparada na carência de estudos histórico-políticos que envolvam a união das categorias como raça, gênero e classe. Em relação ao número de publicações por autor, no período compreendido pela pesquisa, apenas um, Trindade (2019; 2020), teve mais de um trabalho publicado, fazendo parte de dois artigos selecionados para o corpus, não sendo observado maior investimento entre os demais autores.

No tocante à metodologia, observa-se a abordagem qualitativa como preponderante, visto os artigos selecionados estarem concentrados dentro do campo de estudo intitulado ciências sociais aplicadas, que possui uma tradição ligada a pesquisas qualitativas. Considerando-se a distribuição anual dos trabalhos selecionados destaca-se o ano de 2020 com três publicações, seguido dos anos de 2018, 2019 e 2021 com duas publicações cada.

Em resposta à pergunta de pesquisa: “Qual é o conhecimento científico produzido acerca do feminismo negro e net-ativismo no Brasil?”, a maioria dos artigos selecionados para o referido corpus é de autoria única e feminina. Argumenta-se que apesar de na última década o movimento de mulheres negras brasileiras ter ganhado maior visibilidade, ainda existe pouca expressividade na literatura científica acerca do feminismo negro e o net-ativismo no Brasil, pois este ainda é um tema incipiente. Neste sentido, é possível afirmar que há necessidade de estudos mais aprofundados que busquem compreender a temática em tela.

Com a análise das produções textuais coletadas nesta pesquisa, verificou-se que os autores reconhecem o potencial que uma *hashtag*, por meio da *internet*, tem como meio de comunicação para os movimentos sociais, mas ao mesmo tempo trazem o lado obscuro que as mídias digitais podem trazer para essa nova forma de ativismo digital. Por fim, é necessário ressaltar que a relação exitosa entre net-ativismo e o movimento feminista negro torna-se importante no sentido de garantia de maior empoderamento feminino

acerca dos seus direitos: reprodutivos, sexuais, acerca do mercado de trabalho, da luta contra a violência contra a mulher, entre outros aspectos relevantes ao universo feminino.

Neste sentido, a discussão proporcionada neste trabalho pode estimular novas discussões e uma agenda afirmativa de estudos feministas para além dos temas evidenciados, contemplando as questões acima mencionadas. Portanto, embora haja uma limitação explicitada de artigos que englobem o feminismo negro e o net-ativismo no Brasil, verificar se o estado em que se encontra a produção da temática pode proporcionar significativas contribuições quanto ao fomento de políticas públicas voltadas aos direitos das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Taufiq; ALVI, Aima; ITTEFAQ, Muhammad. The Use of Social Media on Political Participation Among University Students: an analysis of survey results from rural pakistan. *Sage Open*, v. 9, n. 3, p. 1-9. 2019.

AMARAL, Eloisa de Souza; BUENO, Zuleika de Paula; GIMENES, Éder Rodrigo. Mídias sociais como repertório político de subaltern counterpublics: Análise de *blogs* de movimentos feministas. *Estudos de Sociologia*, v. 25, n. 50, p. 147-174. 2021.

AQUINO, Ellen Larissa de Carvalho. *Da participação ao ativismo: as tecnologias da informação e comunicação aliadas ao feminismo*. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Bacharel em Tecnologias Da Informação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Santa Catarina – MG, 2015.

AVZALOVA, Elmira. *Internet Communications and Political Mobilization*. *International Journal of Criminology and Sociology*, v.9, p. 834-837. 2020.

AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações raciais. *Estudos feminista*, N° especial/2º sem./94, p. 203-216. 1994.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Laurence Bardin; [tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro]. Lisboa: Edições 70, 2009. 281 p.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, p. 1-13, 2019.

BOTELHO, Louise de Lira Roedel; MACEDO, Marcelo; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Revisão Sistemática sobre a Produção Científica em Aprendizagem Gerencial. In: *XXXIV ENCONTRO DA ANPAD*, 35, Rio de Janeiro. EnANPAD. Rio de Janeiro, p. 1-14. 2010.

BRAGATTO, Rachel Callai. Democracia e *internet*: apontamentos para a sistematização dos estudos da área. *Revista Compólitica*, n. 2, vol. 1, ed. 2011.

CALDWELL, Kia Lilly. Racialized Boundaries: Women's Studies and the Question of "Difference" in Brazil. *The Journal of Negro Education*, v. 70, n. 3, pp. 219-230. 2001.

CALDWELL, Kia Lilly. Mulheres negras, militância política e justiça social no Brasil. *Revista Gênero*. v. 8, n.1, p.53-69. 2007.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. *Revista da ABPN*. v. 1, n.1, p.18-27. 2010.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*. v. 17, n.49, p. 117-132. 2003.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. *In: A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CLARK-PARSONS, Rosemary. "I SEE YOU, I BELIEVE YOU, I STAND WITH YOU": #metoo and the performance of networked feminist visibility. *Feminist Media Studies*, p. 1-19. 2019.

DAVIS, Ângela. 1944- *Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico]* / Ângela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

DEY, Sreyoshi. Let There Be Clamor: exploring the emergence of a new public sphere in india and use of social media as an instrument of activism. *Journal of Communication Inquiry*, v. 44, n. 1, p. 48-68. 2019.

DONATO, Helena; DONATO, Mariana. Etapas na Condução de uma Revisão Sistemática. *Acta Médica Portuguesa*, v. 32, n. 3, p. 227, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. *E a trabalhadora negra, cumé que fica?*. Jornal Mulherio. Ano 2, nº 7.1982

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA (IPEA) *et al.* (Brasil). *Retratos da desigualdade de gênero e raça*. 5.ed. Brasília: IPEA, 2017.

JOIA, Luiz Antonio; SOARES, Carla Danielle. Social media and the trajectory of the "20 cents movement" in Brazil: an actor-network theory-based investigation. *Telematics and Informatics*, v. 35, n.8, p. 2201-2218. 2018.

JOHRI, Aditya *et al.* More Than an Engineer: Intersectional Self-Expressions in a Hashtag Activism Campaign for Engineering Diversity. *Proceedings of the 1st ACM SIGCAS Conference on Computing and Sustainable Societies - (COMPASS)*. 2018.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LIMA, Claudia Feio da Maia *et al.* Sexualidade do cônjuge que cuida do idoso demenciado: Revisão integrativa da literatura. *Rev Min Enferm*. V. 19, Nº 2. 2015.

LIMA, Marcos André Queiroz de. Hashtags de cunho racista: Efeitos de sentido e formas-sujeito em comentários e relatos em redes sociais. 2017. Dissertação (Mestrado) - Mestre em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador – BA, 2017.

LIMA, Dulcilei da Conceição. Feminismo negro e ciberativismo no Brasil. *Entropia*, V. 3, N°6. 2019.

LIMA, Dulcilei da Conceição. *#Conectadas: O feminismo negro nas redes sociais*. 2020. Tese (Doutorado) – Curso Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC. São Bernardo – SP, 2020.

LIMA, Dulcilei da Conceição, OLIVEIRA, Taís. Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência. *Cadernos Pagu*, nº 59, 2020.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. *Revista Gênero*, v.16. n. 2, p. 55 – 69. 2016.

MATOS, Carolina. Re-thinking feminism and democratic politics: the potential of online networks for social change and gender equality in Brazil. *Mediopolis*, p. 17-30. 2018.

MATTHEWS, Kristin L. ‘Woke’ and reading: Social media, reception, and contemporary Black Feminism. *Participations Journal of Audience & Reception Studies*, v. 16, n.1, p. 390-411. 2019.

MEDRADO, Andrea; MULLER, Ana Paula. ATIVISMO DIGITAL MATERNO E FEMINISMO INTERSECCIONAL: Uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”. *Braz. journal. res.*, vol. 14, nº 1, 2018.

MOROZOV, Evgeny. The net delusion: The Dark Side of *Internet Freedom*. New York, NY: *PublicAffairs*, 2011.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). 2019. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018 [livro eletrônico]* – São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2019.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). 2020. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019 [livro eletrônico]* – São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2020.

NUNES, Raul. Outlining the history of cyberactivism in Brazil. *Internet Histories*, v. 4, n. 3, p. 287-303. 2020.

OKECH, Awino; ESSOF, Shereen. Global movement for Black lives: a conversation between awino okech and shereen essof. *European Journal of Women'S Studies*, p. 1-9. 2021.

PERRINE, Alida Louisa. The “Audacity” of Visibility: Preta-Rara’s Feminist Praxis. *Transmodernity*, v. 9, n° 2, 2019.

RECUERO, Raquel *et al.* Hashtags Functions in the Protests Across Brazil. *Sage Open*, v. 5, n. 2, p. 1-14. 2015.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. Djamila Ribeiro – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIOS, Flávia; MACIEL, Regimeire. Brazilian Black Feminism in Rural and Urban Spaces. *Agrarian South: Journal of Political Economy*, v. 10, n. 1, 2021.

RÍOS, Luis Fernández; CASA, Gualberto Buena. Standards for the preparation and writing of Psychology review articles. *International Journal of Clinical And Health Psychology*, [s. l], v. 9, n. 2, p. 329-344, 2009.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, n° 34, 2021.

SAMPAIO, Rosana F; MANCINI, Mc. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, n. 1, p. 83-89. 2007.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, v.11, n.2, p.15-29. 2018.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. *Rev. bras. linguist. apl.*, v. 20, n° 3, 2020.

SOUZA, Rebeca Karen de. *Questões sociais em debate no youtube: Análise do canal “afros e afins”*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Pampa. São Borja – RS, 2017.

SLAVINA, Anna; BRYM, Robert. Demonstrating in the *internet* age: a test of castells theory. *Social Movement Studies*, v. 19, n. 2, p. 201-221, 2019.

STEELE, Catherine Knight. Black Bloggers and Their Varied Publics: the everyday politics of black discourse *online*. *Television & New Media*, v. 19, n. 2, p. 112-127. 2017.
TRINDADE, Luiz Valerio de Paula. Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil. *Ethnic and Racial Studies*, v. 43, n. 15, 2019.

TRINDADE, Luiz Valerio de Paula. “My hair, my crown”. Examining black Brazilian women’s anti-racist discursive strategies on social media. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue Canadienne Des Etudes Latino-Américains Et Caribe’s.*, v. 45, n. 3, 2020.

VALERIO, Carolina Pinaffi; ALVES, Álvaro Marcel Palomo. Machismo e feminismo na *internet*: análise da página “desquebrando o tabu”. *Ciências Humanas: Características* Vol.9, N.2, Maio - Agosto 2021 www.feminismos.neim.ufba.br ISSN: 2317-2932

Práticas, Teóricas e Subjetivas 2. Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. P.38-48, 23 – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

VIGOYA, Mara Viveros. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actua. *In: Careaga, Gloria. Memorias del 1er. Encuentro Latinoamericano y del Caribe La sexualidad frente a la sociedad*. México, D.F., 2008.

WAISBORD, Silvio. Revisiting mediated activism. *Sociology Compass*. v.12, p.1-9. 2018.

WALTHOUR, Gladys Mitchell. Afro-Brazilian women YouTubers' Black Feminism in Digital Social Justice Activism. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 18, n. 3, 2018.

WANG, Rong; ZHOU, Alvin. Hashtag activism and connective action: a case study of #hongkongpolicebrutality. *Telematics And Informatics*, v. 61, p. 1-15. 2021.